

A MEZA MYSTERIOSA

O titulo é infatuado e pretencioso em a simples noticia d'uma pedra, cuja serventia me gabo eu de ser o primeiro que a declara em letra redonda.

O leitor já foi ao *Largo das Carvalheiras*, em Braga, e viu entre os monumentos romanos, contiguos á capella de S. Sebastião, uma meza de pedra com inscripção no rebordo, que diz: BRACARA AUGUSTA (FIDELIS ET ANTIQUA). Se não se convenceu logo de que n'aquella meza já comeram pretores romanos, ou reis mouros, informou-se com o contador d'Argote e ficou sem saber a serventia da meza.

De feito, o famoso antiquario, como pessoa que recebia as noticias no gabinete e não via os monumentos, assignou de romana a pedra, assentando a sua decisão na hypothese de que em 1625 os caracteres que até áquella data estiveram na superficie da meza foram mudados para o bordo onde hoje estão; sendo, alem disso, coisa clara ao intendimento de Argote que a inscripção primitiva era somente BRACARA AUGUSTA, visto que as palavras FIDELIS ET ANTIQUA (fiel e antiga) não condiziam com as inscripções usadas no tempo dos romanos.

O archeologo das *Antiquidades de Braga* era o homem de melhor fé que ainda intendeu em decifrar inscripções lapidares. Enganaram-no ignorantes ou sabios insufficientes, que tanto monta. O bonacheirão de D. Jeronymo accceitava tudo que lhe incampavam das provincias. Ao intento, escreve mui sobre o seguro um anónimo na *Revista Litteraria*, optimo periodico de que deve gloriar-se o Porto, estas sensatas queixas:... «A respeito de inscripções lapidares antigas, suas obras (as do contador d'Argote) não se podem... consultar com confiança alguma critica ou de verdade. Injudiciosissima foi com effeito a resolução que tomou de escrever sobre as antiguidades de uma provincia sobre a fé de outros, e estes geralmente homens de minimos conhecimentos em Archeologia... Nunca se deveram ter formado grossos volumes dos indigestos materiaes, que de todos os lados lhe eram remettidos...»

A noticia das letras picadas no plano da meza e abertas á volta induziram o credulo theatino a dar como obra de romanos o calhau; e inferir que no campo de S. Sebastião estivera a chancellaria dos dominadores do mundo!

O critico já citado, collaborador da *Revista Litteraria*, sem averiguar nem conjecturar qual haja sido o uso da mysteriosa meza, repara na inscripção, e escreve: «O final entre parenthesis d'esta inscripção e talvez toda ella é de origem apocrypha.» (*) Com toda a certeza. Não ha alli cousa que intenda com romanos: o que a meza recorda é uma costumeira portuguezissima de que não ha memoria impressa, nem se quer tradição oral que ligue aquella pedra ao facto.

(*) N.º 13, do 2.º anno, (1839) pag. 202.
NUMERO 7

Quem idoneamente sabia a utilidade da meza era um arceidiago da Sé bracharense, sugeito que morreu ha mais de trez seculos, e deixou um manuscrito que, ha dusentos annos, pouco mais ou menos, paráva em posse de Estacio de Novaes, cidadão de Braga.

Este manuscrito esteve depois na cella do frade beneditino de Tibaens, fr. Manoel da Ascenção, que morreu por 1665 em Coimbra, onde leu theologia (1)

O frade trasladou o manuscrito, e eu sou o dono do traslado, em quanto o governo me não ordenar que lhe entregue o trabalho do frade, para elle o fechar n'um gabinete onde a carcoma e os ratos o desfaçam.

Ora conta difusamente a codice que em certos dias do anno costumavam os bracharenses fazer montaria nas visinhanças da mesma cidade. Esta cerimonia, imitada dos tempos gentlicos, passou a ser culto a S. João Baptista, depois que a fé christan espancou as trevas pagans. Vejam que espancamento! O progresso redundou em apear do nicho um bruto olympico e substitui-lo pelo precursor do divino Mestre!...

Na vespera, pois, da festa faziam os bracharenses cavalhadas alem do rio Deste, e, depois da folga, monteavam á imitação dos seus maiores.

Com o dobar dos annos, extinguiu-se a caça grossa, e esmoitaram-se os grandes matagaes onde as feras se imbrenhavam. Nem por isso os cavalleiros de Braga se abstiveram da sua antiquissima usança. Inventaram o como haviam de continuar, e resolveram lançar porcos no local que hoje denominam *coutada dos arcebispos* (este hoje refere-se a um *hoje* de ha tresentos annos) para assim cumprirem a sua devoção.

Que devoção! matar porcos!

Vamos lá. Chegaram (prosegue a relação e ementa do doutor) os tempos de D. Diogo de Sousa (2) o qual fundou uma capella de S. João Baptista, logo alem da ponte, obra sua tambem, sobre o rio Deste; e, como se erigisse uma irmandade em honra do sancto, tomou esta á sua conta dar os meios para continuarem os antigos costumes. Elegiam-se, para o caso, dois mordomos: um mordomo obrigava-se a crear e manter todo o anno um corpolento porco de cór preta. Na madrugada do dia de S. João, feitas as cavalhadas, iam os fidalgos ao alto do Picoto, soltavam o porco, e despediam atraz d'elle contra o rio Deste, onde o esperavam os moleiros sobre a ponte para lhe estorvarem a passagem, e obrigal-o a vadear o rio. A' ourela do rio, estava povoado d'aquelles sitios a escorraçar o porco para a ponte. A gente racional da cidade, divertida com as afflicções do seu irmão perseguido pendurava-se por aquellas montanhas, esfuiziando jubilosos guinchos e gargalhadas que não ha ahi mais dizer. Emfim, se o porco passava a ponte era pre-

(1) Frei Manoel da Ascenção escreveu e publicou o *Ceremonial dos monges negros* impresso em 1647, e verteu para linguagem o *Compendio dos exercicios espirituaes*, publicado em 1654, e reimpresso em 1692 e 1715.

(2) Governou Braga desde 1505 até 1532.

mio do gentio fluvial, que o comia; se passava o rio, era dos moleiros que o comiam tambem.

E tudo isto em honra e louvor do sr. S. João Baptista e aproveitamento das almas.

«Acabado o festejo, vinham os cavalleiros á alameda de S. Sebastião e sobre uma pedra que ainda hoje se conserva em forma de meza—prosegue o frade copiando o arcediogo—a qual estava muito armada e cheia de cestinhos com as frutas d'aquelle tempo, outro mordomo da confraria de S. João repartia pelos cavalleiros as taes cestinhas que elles levavam pela cidade com muita galhoia ás pessoas da sua obrigação. A cerimonia do porco não sei ha que tempos acabou; porém, a das cestas de fructa ainda conheci gente que a viu, e haverá cem annos, pouco mais ou menos que, toda se extinguiu.»

Podemos, pois, sabido o anno em que morreu o frade (1665) aproximadamente conjecturar que no meado do seculo de quinhentos acabou de todo a cerimonia das cestinhas de fructa; e tão depressa se deliu a memoria da serventia da pedra que já fr. Manoel da Ascensão dizia: «Esta é a historia do porco preto tão decantada; e a serventia da pedra de S. Sebastião que tanto deu que cuidar aos auctores que d'ella escreveram, sem até agora o sabermos.»

E acrescenta: «Tirei isto d'um manuscripto de letra muito antiga e quasi apagado, etc.»

A historia do porco preto já eu a li algures n'um dos tomos da *Monarchia Lusitana*; mas o prestimo da meza é a primeira vez que entra na lista das cousas sabidas e importantissimas para a historia do espirito humano, do progresso e da christandade.

Feitas as contas, a pedra que insinuou ao contador d'Argote a existencia de uma chancellaria romana ali pelas Carvalheiras, sai-nos pura e singelamente uma pertença á festa dos porcos. Ora vejam!

Esperamos poder exhumar do pó do olvido muitas d'estas paginas gloriosas para orgulho, sapiencia e edificação do leitor.

C. CASTELLO-BRANCO.

REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 6.)

Retrocédamos agora. Sabe já o leitor em duas palavras que infâustos successos desbarataram uma familia. Resta-nos, porém, illucidar circumstancias que se tornam urgentes para claresa de factos posteriores.

Poucos dias depois da memoravel tarde passada na quintasinha de Balboa, o visconde procurou Anselmo da Costa para uma explicação definitiva. Havia algum tempo, que não sem grande repugnancia da parte da sua

dignidade offendida com os despresos da donzella, elle visconde declarara formalmente o desejo de a tomar por esposa. Anselmo acceitara jubiloso a proposta, fazendo-lhe comtudo reflexões que o obrigavam a adiar para mais tarde o projectado enlace, attendendo aos poucos annos da menina. Annuiu o visconde, depois de ponderar que o desenvolvimento phisico e moral de Regina tornava desnecessaria a demora. Como, todavia o pai insistisse na espera, submetteu-se elle, alegre com a certeza do futuro.

Quando isto se passava, Regina era realmente uma creança. Os dias, porém, foram correndo, e não sem terror descobriu um dia o apaixonado visconde que a inclinação de Regina e Salvador era séria e profunda. Assustava-o agora o que até ali lhe parecera natural. Seria caso de admiração, que a donzella preferisse correr atrás das borboletas com o seu companheiro de infancia, a ficar sentada entre seus pais e o visconde, attendendo ás suas conversações pezadas, e para ella sem interesse algum? Não por certo, e assim o pensava o visconde reflectindo; ultimamente é que o demonio do ciuime, esse verme roedor do namorado, lhe infiltrou peçonha que intumescendo-lhe o peito de cuidados, apertava ao mesmo tempo com elle para a realização de seus desejos.

Foi pois com uma mistura de despeito e constrangimento que se resolveu a exigir o cumprimento da promessa que accumulava a felicidade de toda a sua vida.

Anselmo da Costa escutadas as razões que seu futuro genro julgou dever expender em abono de estar chegada a época prescripta, respondeu terminantemente que sua filha estava de accordo com a sua vontade, e por tanto removidos todos os obstaculos para a celebração do casamento. Exultou o visconde com a promptidão da resposta; ainda assim aventurou-se a dizer quase a medo:

—Creio ser expontaneamente que a sr.ª D. Regina me acceta por marido.... Não?

—Minhas filhas—redarguiu Anselmo com grave sombra—são muito bem educadas para não corresponder como devem á affeição de seus pais. Sabem que ninguém lhes deseja tanto o seu bem futuro, como os encarregados por Deus d'essa missão divina.

Depois d'esta entrevista, poucos dias mediarão ao casamento. As lagrimas da victima pouco resignada; os suspiros arrancados a occultas de todos de seu seio oprimido pelo desespero, quem poderia contal-os? Immolavam-te á mais sordida das paixões, cordeiro innocente, e offereciam-te em holocausto de suas ambições terrestres!... a ti, pobre creança que acceitavas o sacrificio para que te não alcuilhassem de filha desobediente!

Todas as noites a imagem de Salvador apparecia em sonhos á pobresinha. Accusava-a de fraca; lançava-lhe em rosto a sua ingratição; dizia-lhe que ia morrer analdichoando-a; e ella, a infeliz menina acordava meia louca e suffocada pelos soluços.

Eugenia, testemunha de tão horriveis pesadelos, condoida e quase indignada da indifferença de seus pais por uma dôr que se revelava nas faces immurchecidas de sua irmã, levantou-se um dia no firme proposito de fazer co-

nhecer a D. Antonia o que esta fingia ignorar. Por vezes quizera ella incutir no animo de Regina a resistencia, se tão deloroza lhe era a conformidade. Esta, revoltava-se contra si propria ouvindo-a; pergunta-va-lhe, se por quanto havia no mundo teria coragem para frustrar as esperanças d'um pai idolatrado, e ao mesmo tempo obrigava a tragar a vergonha de infringir a palavra dada.

De feito, Regina tinha razão. Infelizmente não podemos desculpar Anselmo da Costa; insta porem a verdade dizer, que elle espreitava amargurado o rosto desfeito de sua filha como o denunciante de agonias occultas. Fatal cegueira de pai! Via; adivinhava; e presistia!

Muito se tinha elle enganado! Que não daria elle agora para resgatar a sua promessa! Um mal entendido pundonor o acorrentava. A affeição dos dois jovens tomada como effeitos da meninice, e sem resultado assustador, apparecia-lhe ja com raizes profundas e solidas. E agora como desarraigal-as? Anselmo tremia. Como todos os espiritos medianos tinha pensado que um dia, embora hoje lhe fosse um pouco custoso, sua filha lhe agradeceria a brilhante posição que lhe conquistara na sociedade. Sciante do contrario, a sua dor era verdadeira. Algumas vezes, tentava elle ainda uma ou outra palavra solta com referencia a espaço o casamento. O visconde porem meio aturdido com o gozo moral de em breve possuir tão suspirada dita, apertava ao contrario pela sua realiação.

Era por tanto inevitavel o destino.

Pela sua parte D. Antonia ouviu Eugenia com desasombro tratando de creancice suas lagrimas e supplicas.

— E' uma loucura, menina — dizia D. Antonia. O visconde é um excellento homem, que hade ser para Regina um segundo pai.

— Pai?! — exclamava a donzella.

— Pai, sim, admiras-te? Felizes d'aquellas que os encontram, nos maridos — respondeu a senhora.

— O' maman! nunca será essa a felicidade que eu invejo — tornou Eugenia — Pai tenho eu, e não o trocaria por outro...

— São coizas que vossês não entendem, redarguiu D. Antonia um pouco agastada. E continuou — Cuidaes que a vida so é agradável cazando-se com um maneebo que não tem mais que os seus lindos olhos, e que ao cabo de oito dias está enfasiado da mulher, e procurando fora de caza as distrações que não encontra na sua? Parece-te isto bonito?

— E' horrivel! accudiu a menina. — Mas, serão todos assim... os que não são ricos?

— Todos filha, acredita-me. Guiaivos pela experiencia de vossos pais, se quereis ser felizes. Quem vos quer como elles?

— Pois sim maman — insistiu Eugenia — mas o visconde é tão velho! A maman creio que nos dizia d'antes, que cazou com o papá contra a vontade do avô, por elle ter menos do que outro a quem estava destinada. E não foi tão feliz?

D. Antonia corou, e disse n'um tom que não admitia replica:

— Está bom, Eugenia, basta de reflexões, que ficam mal a uma menina bem creada. Tua irman não se queixa. Não lhe estejas tu a incutir ideas tolas. As lagrimas haode passar.

Em vista de tão desusada severidade, a menina curvou a cabeça e saiu da sala murmurando: pobre Regina!

Marcou-se enfim o dia das vodas, dia de funebre e inquieta desesperação para a martyr.

Ella ahi vai vestida de branco, coroada de laranjeira, e envolta no véo nupeial.

Se o pincel de Urbino e Ticianno reproduziram na tela os verdadeiros anjos do paraizo esculpidos na fantasia dos immortaes artistas, deviam parecer-se com ella.

A alvura do vestido era menos saliente que o marmoreo jaspe d'aquellas faces illuminadas com o reflexo dos bastos e negros cabellos.

Ao seu lado, quando ella caminhava como sonnambula, ia o visconde com a fronte radiosa, e o passo firme do conquistador.

Apoz dos dois, seguia-se Anselmo da Costa cabibaixo e taciturno.

Foi desta sorte, que Salvador escondid o atraz da banquetta d'um altar, viu entrar o cortejo na igreja da Victoria.

Desde que definitivamente fôra tratado o consorcio d'aquellas duas almas tão oppostas em idades, gostos e aspirações, Anselmo com estudada delicadeza affastara o unancebo de sua casa; abstendo-se tambem do seu passeio predilecto dos domingos para o não encontrar.

O desespero do moço quando soube o que se passava foi terrivel. Regina era o anhelho dos seus vinte e dois annos; era a religião do seu espirito; a creança adorada do seu mundo poetico. Vêr assim sumir-se aquella estrellal! assistir á profanação do seu idolo! Ouvir-lhe pronunciar o *sim* fatal que os desunja n'este mundo e por uma eternidade! Podel-o-hia elle? Teria forças para tanto? Teve: não o convenceram razões amigas: era preciso ver, para compenetrar-se bem de que tudo estava acabado.

Muito antes de começada a cerimonia já elle estava alli, hirto e immovel como a pedra d'um tumulo. Viu aproximarem-se os convidados, ouviu as perguntas do ministro de Deus, e só quando os labios tremulos de Regina murmuraram um som quasi inintelligivel, esmoreceu, soltou um gemido, e foi preciso apegar-se para não cahir.

Minutos depois, quando a Igreja estava deserta, e o rumor das carruagens cessou, sabia elle de seu esconderijo quase cambaleando, e como ás apalpadelas. D'ahi até casa não sabemos como atravessou parte das ruas da cidade; o que é certo é que decorridas duas horas era chamado a toda a preça um dos mais afamados medicos do Porto.

Deixemol-o á cabeceira do inferno, e vamos acompanhando os noivos.

(Continúa.)

ALGUNS LIVROS ULTIMAMENTE PUBLICADOS

As Pupillas do sr. reitor.

CHRONICA DA ALDEIA, POR JULIO DINIZ

O modo porque foi apreciado este livro, entre nós, recorda o succedido em Inglaterra, com o *Paraíso Perdido*. Foi já cego, e do seio das amarguras de um retiro obscuro, onde vivia ignorado e pobre, que Milton offerceu á publicidade o seu poema, cuja idéa fundamental lhe despertára uma viagem em Italia. O grande poeta só encontrou um editor, que lhe deu apenas trinta libras esterlinas pela sua obra, e o publico acolheu-a desfavoravelmente. Milton falleceu, passados tempos, com a triste idea do pouco apreço dado a uma producção tão laboriosa e largamente concebida.

Decorreram, porém, vinte annos, e um famoso artigo no *Spectateur*, escripto por Addison, proclamou á nação ingleza o grande genio do cantor do *Paraíso Perdido* e a maravilha da obra. Addison era critico eminente e homem de estado distincto, duas grandes forças que não podiam deixar de influir no animo do povo inglez. E influiram, porque foi então que a Inglaterra acreditou que Milton era um prodigioso talento poetico, e o *Paraíso Perdido* um poema notavel.

Até ahi não tinha dado por isso. Necessitou que a voz de um litterato illustre, ou antes a voz de um ministro de estado, lhe explicasse e exaltasse aquelle merecimento, para depois o comprehender e se ufanar com elle. De sorte que pode-se bem affirmar, que a celebridade do *Paraíso Perdido*, não foi accêta, mas 'ecretada.

Triste sina do poeta, cuja obra seria sepultada e esquecida com elle, se não viesse uma grande competencia critica bradar ás turbas:—Admirae este monumento litterario! Orgulhai-vos com elle, povo inglez, que será o vosso poema immortal, uma das nossas glorias nacionaes!

Triste sina do poeta!

E todavia, foi preciso isto!

Verdade é que depois d'este artigo de Addison, a Inglaterra ficou acreditando que tinha um grande poema, e que Milton merecia as corôas da posteridade. Abençoada Inglaterra!

Com as *Pupillas* do sr. Reitor tivemos quasi um caso analogo. Senão é um grande voto, que todos nós respeitamos, o livro jazia talvez ainda nas estreas de uma primeira edição.

Narremos o caso, para os que o ignoram.

O romance fôra publicado, em folhetins, n'um periodico do Porto. Fosse pela sua inserção ser assim interrompida, o que affrouxa o interesse da obra e desvia a attenção do leitor, ou porque actualmente a indifferença por cousas litterarias carece de ser combatida por fortes impulsos, o certo é que a noticia das *Pupillas* não chegou á capital, e penso até que no Porto não impressionou notavelmente o publico.

Depois, o romance passou de jornal para o livro; porém a nova fórma bibliographica continuou a deixal-o viver a vida modesta de até então.

Não conheço o genio do auctor, mas por mais humilde opinião que elle forme das suas forças litterarias não podia deixar de se sentir d'esta frieza, e foi de certo este resentimento que lhe suggeriu um nobre e ao mesmo tempo feliz desforço, que foi procurar no valor e eminenencia de um grande voto toda a importancia que podera ter a opinião de um publico inteiro. O romance foi dedicado e remettido ao sr. Alexandre Herculano. (1) O illustre escriptor, decerto tocado d'aquella simplicidade de forma que não é mais do que o involuero crystalino de uma grande sciencia de observação, leu-o com enthusiasmo e esse enthusiasmo transpirou cá fora com a competencia e auctoridade que possuem sempre alvites taes. A reputação do livro ficou feita, e o sr. Julio Diniz sentiu-se vingado, pois ao glacial esquecimento que parecia esperar a obra, seguiram-se duas edições, hoje quasi exhaustas. (2)

Aqui temos pois a historia do *Paraíso Perdido*, de algum modo repetida entre nós. Mas, sobretudo, com a importante differença de que Milton foi para a cova com a angustiosa convicção de que o seu poema havia morrido antes d'elle, e o auctor das *Pupillas* do sr. Reitor teve occasião de se convencer que a timidez do pseudonimo que adoptara fôra uma injustiça feita ao decernimento e bom gosto dos nossos leitores.

Mas, dir-nos-hão porque se não revelou esse decernimento e bom gosto, logo que o livro appareceu, e foi necessario que o sr. Alexandre Herculano nos dissesse que havia alli um bom livro para o lermos e festejarmos?

A razão explica-se com o estado moral da epocha que atravessamos. A curiosidade dos leitores, hoje, procura assumptos extraordinarios, inculcados por titulos espectaculosos, e recua desalentada diante de qualquer historia que lhe pareça longa, ou suspeite não possuir o attractivo das cousas imprevistas. Essa triste enfermidade das civilizações adiantadas, tambem já nos contaminou. Não logramos ainda todos os regalos da industria moderna, mas já soffremos dos seus resultados moraes. Ainda ha meia duzia de annos abrimos os olhos para essas estupendas maravilhas do engenho industrial de nossos dias, e já sentimos entorpecerem-se-nos as faculdades para a apreciação dos productos mais delicados do espirito e da imaginação. Attrahe-nos só a litteratura de cartaz, a litteratura dos rótulos argentes, dos prologos charlatánicos, não temos paladar para a comida sã e digestivel dos assumptos-chãos e comeseinhos. Pois os olhos que estão habituados a arregalarem-se em presença d'estes titulos estapafurdios:—*Historia de cento e trinta mulheres; O Dragão vermelho; O anno de 3000; Mil e um fantasmas; Odes funambulescas; Não gordio; Os segredos do Diabo*, podem lá lobrigar o singellissimo titulo do escriptor portuense, *Pupillas* do sr. Reitor, *Chronica da Aldeia*?

Aldeia!... Aldeia chamam os nossos casquilhos a Lisboa, que é a capital do reino, e que, pela importancia do

(1) Parece-nos inexacta a relação. O romance foi enviado ao sr. A. Herculano sem dedicatória, e ainda em folhetins.

A REDACÇÃO.

(2) Afora a edição feita em jornal, ha uma só edição em livro, e outra no prelo.

A REDACÇÃO.

seu porto, situação geographica, vasta área e formosísimos aspectos, é a sexta ou setima cidade do mundo. Ora, se elles chamam aldea a Lisboa, como haviam de enxergar a pobre aldea minhota do bom do José das Dornas, volver para ella os seus olhos espirituaes e ver o que por lá se passa, ainda mesmo que os armassem dos binoclos, que usam nos theatros ou da luneta, que completa a sua picaresca elegancia nas praças e saloes? Para elles, a mesquinha aldea, não era de certo senão um ponto indistincto no mappa das suas diversões intellectuaes.

O sr. Gomes Coelho é que teve a culpa do pouco exito do seu livro, no começo. As *Pupillas* foram publicadas, sem um nome que lhes auctorisasse a entrada n'este vastissimo salão chamado mundo litterario. Foi um erro, o sr. Gomes Coelho sabe que as pessoas mais qualificadas carecem de apresentante e mestre de ceremonias, para serem admittidas ao trato de boa sociedade. Até os proprios embaixadores, e mais são acreditados por credenciaes juntos dos soberanos que os esperam, se fazem annunciar por arautos, e as mais impertigadas personagens que inventou a etiqueta palaciana, lhes abrem praça e proclamam a entrada.

Ora se isto acontece com embaixadores, individuos essencialmente espectaculosos, que resumem já na paspalhice da sua individualidade todas as hyperboles da apresentação, como querem que não seja preciso annuncio estrondoso a um auctor que pela primeira vez se apresenta aos leitores, e a leitoras d'este tempo, que ou chegaram de ver o Levatard, o celebre voador, ou que partem a admirar o Blondin, o funambulo que atravessa em corda suspensa o Niagára, enfim leitores cujo espirito anda cheio de cousas espantosas, e que não tem tempo, nem resignação, para se occuparem com chronicas de aldea.

O sr. Gomes Coelho foi o primeiro que desconfiou de si, porque se occultou por de traz de um pseudonimo. Um pseudonimo, em litteratura, corresponde a um dominó, no carnaval. Ou é uma pirraça feita á curiosidade dos outros indagadores, ou um receio de sermos conhecidos. No sr. Gomes Coelho foi pouco valor. Desconfiou de si, e do seu trabalho, e não teve audacia para arrostar com os effeitos resultantes da publicidade. Não fez bem. O pseudonimo ia-o matando. Tire d'aqui uma lição, e para a outra vez exhiba bem por extenso o seu nome, visto que agora já é conhecido, e com o normando mais graudo que houver na typographia.

E se a esse tempo possuir alguns titulos litterarios, ou scientificos, estampe-os todos. Diga-se commendador d'esta e d'aquelle ordem, conselheiro, socio de muitas academias e institutos scientificos, porque depois bastam os commendadores, os conselheiros, e os socios das academias seus collegas, para lhe apregoarem o merito e formarem um grande numero de leitores.

Estes são os segredos de publicidade, e tambem de algumas reputações que por ali vemos. Custa a crer que hajam escapado á fina perspicacia analytica do auctor das *Pupillas*. Não escaparam, decerto. Mas a natural timidez de um talento que participa por força de uma gran-

de modestia de character, aconselhou-o a retrahir-se, quando do mais convinha apparecer. Felizmente, a falta foi corregida. Houve um braço poderoso que tocou com vara magica no livro, e os leitores esclarecidos, ou aquelles que apenas lêem por habito, mas que todos sabem que da boca do nosso primeiro historiador não sahem panegiricos banaes, accudiram ao brado, e o romance do sr. Gomes Coelho foi procurado com alvoroço e lido com satisfação!

Mas qual é o merito d'este livro?

Vou explical-o, conforme o intendo, no seguinte artigo.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

QUADROS CAMBIANTES

CARTA 2.^a

De Gastão Vidal de Negreiros, a
C. C. Branco

Mais um visitador entrou na guarida do eremita; e já agora, eu que me sinto tão pobre, quero opulentar-me aos olhos dos meus hospedes, apresentando-lh'os a vossê, como mestre e amigo. Se isto é vaidade, justificada a sinto no intimo da alma; e aquelles aquem a minha indigencia proporciona o seu conhecimento e bem querer, est ou que me agradecem, bemdizendo a miseria que procura ser-lhe agradavel de tal sorte.

Candido de Figueiredo é o nome do auctor dos *Quadros Cambiantes*. Pela leitura, sabe-se o que facilmente se adivinharia sem grande custo. E' um mancebo de vinte e dois annos; uma primavera devaneadora e amorosa; um espirito irradiando luz, e seiva inspiradora do coração.

Na dedicatória a um amigo, diz elle: «Guiado por esse influxo multiplíce é que, desde os meus dezeseis aos vinte annos, com palheta tremula e mal segura hei esboçado alguns quadros que, em vista da multiplicidade de impressões, não podiam deixar de ser *cambiantes*: coisas do ceo e coisas da terra, sorrisos e lagrimas, esperanças e desalentos, alegrias e decepções.»

Podemos por tanto, afoitamente, chamar a este livrinho, poema da mocidade. Não que queiramos comparal-o ao grandioso poema do mesmo titulo, obra de alto alcance do snr Manoel Pinheiro Chagas.

Aqui sorrisos perdidos!
palavras refalsadas!
c'o as flores desfolhadas
d'involta as illusões!
da natureza magica
no seio alma e fecundo
é que se encontra o mundo
das candidas visões. (°)

São justamente as candidas visões que eu amo na mocidade, e que me fazem refflorir a imaginação, adornando-a com as flores perdidas nas serranias e nas agruras dos desenganos.

Aqui não ha lucta de paixões; não se encontram fadas sacudindo no voltear infrene a tunica alvadia; nem tão pouco anjos de lareira. Não senhores. Aqui ha ape-

(°) «Poema da mocidade.»

nas que admirar a vocação nascente e espontanea; a estrella que se levanta fulgida e vivaz entre as suas companheiras, e vai juntar-se a ellas como uma das notas harmoniosas que faltavam lá em cima na esphera divina!

Quem tiver olhos veja, oiça quem tem ouvidos
escute a voz da terra, unida á voz dos céos;
contemple o grande e o bom e o bello, confundidos,
no incomprehensível Ser, no ser dos seres — Deus!

Eu bem sei que uma fallaz sciencia
esmaga a flor humilde, abrindo os livros seus!
Homem! rasga o teu livro, escuta a providencia!
O livro é obra humana, a flor... obra de Deus!

Eu leio a toda a hora o livro perfumado
aberto pelo sol em placidas manhãs;
fala-me cada flor da gloria do Increateo,
e deixa-me esquecer do mundo as glorias vans.

Mas que alma de poeta irá sozinha e crente
verdades estudar no cêspede do val?
quem vai la visitar o lirio innocente
que ensina á solidão o nome do Immortal?

Embora! Se te apraz incerra-te egoista,
onde só caibas tu com a sciencia van;
derrama sobre ti a froixa, escassa vista,
deixa sorrir lá fora as luses da manhã!

Pergunta-te a ti mesmo aonde a tua origem,
quem és, d'onde vieste, e para onde vais!
ocultas forças vê se a mente te dirigem;
se isso que pensa e quer é pó e nada mais.

Transcrevi este fragmento da poezia intitulada *Deus*, primeira que se nós depara, por ser uma das que mais se insinuam, e aonde indubitavelmente transparece já o fio lucido que hade guiar o poeta nas suas posteriores creações. E' ainda a palheta tremula! Deixai-lhe insuflar forças, depurar o máu e acrizolar o bom remirando as obras primas dos genios, não para os imitar servilmente, mas para com elles tomar vôo allando-se aos espaços infinitos da phantasia. Deixai germinar a boa sementeira dos pensamentos elaborados, madurar os fructos, e vereis que não falharam as esperanças, nem murcharam aquellas boninas tão viçoas que são as premicias e o prenuncio d'um estio opulento.

O soneto dedicado a Thomaz Ribeiro no fallecimento de sua mãe é realmente bello, e engenhosa a idea que o poeta procurou salvar da vulgaridade, com infinita delicadeza e sentimento.

Duas mães, é o titulo.

Para olhares o céu, e para vê-la,
uma os teus olhos abre á luz do dia;
de affectos se opulenta e se disvela
em ser no mundo teu celeste guia.

A outra fronte candida e singela,
ante o filho dilecto se extasia,
os segredos do genio te revela,
e te embala em torrentes de harmonia.

Uma, sumindo o seu fulgor de estrella,
dos anjos busca a doce companhia,
que d'entre os anjos Deus chamou por ella.

A outra não te deixa, noite e dia!
seculos durará, mas sempre bella!
— Uma era Amalia; a outra... é a Poesia!

Se me não engano, já vi esta poesia transcripta no «Panorama», bem como mais algumas do auctor.

Helena é um epigrammasinho delicioso d'estes que fazem entreabrir o sorriso n'uns labios acerejados por vinte e duas primaveras.

Helena, meus senhores.
se é verdade o que dizem as historias
deixou dos seus amores
perpetuos e tão tragicas memorias,
que eu tremo em vendo que inda alguém adora
as Helenas de agora!

Discorre o poeta n'esta veia folgazã com a proficiencia que só costuma dar o conhecimento fundo das misérias da humanidade.

Um Juvenal bem portuguez devia começar assim. Não indo para ahí muito o meu espirito já avergado ao peso das estações inverniças, ainda assim, se ouzasse dar o meu voto, aconselharia o poeta a não descurar esta especie hoje no olvido, desde que Faustino Xavier de Novaes, o querido das muzas galhofeiras e satíricas, se deu aos ocios elanguescentes do novo mundo.

Que me não tome porém isto o autor em desaire para as suas outras produções; algumas ha a que se não pode negar o mais subido merito.

Sirvam de exemplo as estrophes seguintes:

Vai a gente vivendo n'este mundo,
como baixel sem rumo no oceano,
até que enfim um dia desça ao fundo,
misterios d'alem-tumulo a sondar.
No entanto, as illusões passam e correm,
— falsas miragens que nossa alma prendem! —
mas passam; e com ellas tambem morrem
aqueles que no pó vão descançar!

A morte! a morte é o ómega da vida,
selo que fecha o livro da existencia,
anjo que no fim da senda dolorida
nos conduz ao repouso tumular,
nuvem ignea que vem a este inferno
lagrimas enxugar, queimar abrolhos,
e levar-nos lá acima onde o Eterno
ós mártires da vida sóe c'roar.

A vida! — curto epilogo das dores
que alanceiam as almas dos precitos,
quem a pode chamar jardim de flores?
quem ha dos homens que ainda a possa amar?
Por isso o nosso coração duvida
se ha purgatorio que não seja o mundo,
e os que estalam os vinculos da vida
é sorrindo que o mundo vão deixar.

Sem incorrer no desagrado dos mestres, creio poder afirmar ao sr. Candido de Figueiredo que muitos poetas de cabellos brancos não exporiam melhor, nem mais conscienciosamente este quadro.

Saudade á beira d'um tumulo, é uma elegia singela e tocante, no genero das flores tristes.

Passarei todavia estas e muitas outras poesias em claro, assim como algumas bellas traducções de Géssner, Horacio e Hervey, para não cansar o leitor querendo unicamente chamar-lhe a attenção para o livro.

Finaliso por tanto esta breve noticia com trez quadras que o poeta apresenta aos Aristarchos mais difficeis.

Tens razão—no dezerto inulto e sáfaro da vida, não germinam gratas flores: ha miragens, é certo, mas os cardos ao viajor illudido as plantas rasgam.

E'—nos a vida fluxo e refluxo de maguas e de prantos; que em verdade, por mais que digam, nunca sabe a gente se ha purgatorio que não seja o mundo.

Nunca o poeta espere que a ventura venha bafejar; eu sei que o genio é sol, em derredor do qual gravita de continuo o planeta da desgraça.

Dezemos neste caso e de todo o coração que não se realice com o poeta a prophécia. Antes mesmo, e para bem seu, desmedre o genio promettedor, que infelizmente neste nosso nobre paiz é olhado com menos preço e desdem.

ECCOS DE LISBOA

Opulencia de acontecimentos.—De como um bom homem se faz um vereador, e de um vereador um deputado.—Segredos da urna eleitoral.—Um comicio em debandada.—A banha de porco convertida em projectil de guerra.—Duas damas novas em S. Carlos, e o talisman da formosura.—Retirada do *Trovador* diante das gargalhadas da platea.—Taborda no theatro da Trindade.—O Gymnasio e os deveres d'este actor popular.—Funeral do sr. conde de Santa Maria.—Grandes honras concedidas á sua memoria.—Disparate do povo no cemiterio.

Estes ultimos quinze dias estão a abarrotar de successos notaveis. Temos o funeral de um marechal de exercito; a derrota do sr. Alves Chaves, na urna eleitoral; o apparecimento do Taborda na Trindade; o *debut* de duas damas em S. Carlos, e um tumulto n'um comicio!

Parece-me que a curiosidade dos leitores nunca poderia dezejar mais, nem tanto. Sobretudo, o triste desengano que teve o sr. Alves Chaves, dado pelo voto popular, só pôde ter por digno companheiro o desfavor manifestado por alguns cidadãos de genio ardente ao heroe dos comicios burlescos, o sr. Figueiredo Guimarães!

Eu não sei se no Porto conhecem o sr. Alves Chaves?... Creio que não. Mas ainda mesmo que conheçam, não serão inoportunos quaesquer toques que tendam a realçar a biographia do nosso antigo e prasenteiro vereador do pelouro dos passeios. Ahí vão.

O sr. Alves Chaves é aquillo a que se pôde chamar um bom homem. Affirmao que é analfabeto. Não digo que sim, nem que não. Como nunca o examinei em pri-

meiras letras, não posso authenticar a verdade da increpação. O que sei, é que elle começou em politica, *com mão de gato*. Hoje influindo a favor de um seu amigo, n'uma eleição municipal: amanhã lançando a rede aos votos que tinha solicitado para os outros, e apparecendo elle mesmo camarista. Depois tornando-se um vereador popular, prestante, affavel, passa-culpas; perdoando multas municipaes com a mesma facilidade com que o papa concede indulgencias; sendo emfim incansavel em promover o bem dos seus amigos eleitores.

Por exemplo, um logista seu conhecido, não queria um ourinol ao pé da porta, por motivos de decencia... e de olfato. No outro dia tinha desaparecido o ourinol.

Um commerciante rico, que dispunha do seu voto, do voto de tres fillos e mais dos de cinco caixeiros, queixava-se de que a rua em que residia estava mal gradada. Ao despertar da madrugada seguinte via-se um partido de calceteiros a nivelarem, a empedrarem, a amaciarrem o piso da calçada, que o achariam brando sapatos de setim.

Emfim, a serva de um cidadão prestante, esquecida de que vivia n'estes tempos fadados de civilização e posturas municipaes, arremessava com o lixo para a rua. O zelador acudia a tomar o numero da casa, e no outro dia era intimado o cidadão prestante para pagar multa. «Valhame aqui o sr. Alves Chaves!» exclamava o cidadão prestante. O solícito vereador annullava a multa; o cidadão prestante ficava-se a rir da policia municipal; a creada deitava mais lixo da janella abaixo; e o zelador via escarncida a sua vigilancia de fiscal das ordenanças de limpeza.

Assim, pois, foi subindo o bom do nosso vereador, na estima de seus concidadãos, até que um dia a sua modestia o levou a propor-se tambem para deputado.

—Para deputado!—disseram alguns. Parece-nos muito. Emfim, o homem é tão obsequiador... vá lá.

E lá foi a deputado.

Ora como deputado (é preciso dizer a verdade) a carreira do antigo vereador não foi das mais preclaras. A não ser pelo facto de *corpo presente*, nunca dera signal de si, como membro do parlamento.

Mas elle dizia a isso que não era mister que todos os deputados fallassem muito; e que os antigos gregos eram tão medidos e avaros no uso da palavra, que até punham clepsidras, ou relogios, diante dos seus oradores para lhes ter mão nas demasias da oratoria.

Este exemplo grego convenceu os mais obstinados, e o nosso vereador continuou a sahir deputado e com tal aura para o seu bairro, e certesa do resultado da urna, que até o antepozeram ao sr. Fontes, e venceu....!

Que mysterios estes da urna!

Deu-se porém, o caso singularissimo, de que até um certo tempo, o sr. Alves Chaves não fez nada que dêsse na vista como vereador, e nunca o desacompanhou o suffragio dos seus amigos: sempre vereador, sempre deputado. Já alguém suppunha até que estes cargos, nelle, talvez se houvessem tornado vitalicios.

Vae um dia, o sr. Alves Chaves dá-lhe para fazer

bem ao seu município, desata a architectar illuminações esplendidas no Passeio; a ir esquadriñar estatuas de gesso no cadoz do theatro de D. Maria e a collocar-as á beira dos lagos; a enfiar balões e bandeiras de arvore a arvore, que parecia um estendal de grandes lenços de assoar de Alcobça; a fazer regueiras de pedrinhas de côres nas orlas das ruas principaes; e quando elle estava na azafama d'estes valiosos melhoramentos municipaes, de certo esperando o reconhecimento dos cidadãos de Lisboa, eis que estes se lembram de o excluir da actual vereação!!!

E' prodigioso!

De sorte que, em quanto fechava os olhos ás cosinheiras que faziam os despejos da janella abaixo, milhares de votos solemnizavam a sua eleição; agora que o homem nos ia tornando o Passeio do Rocio um verdadeiro embrechado, fóra com elle dos paços do concelho!

Declaro que não intendo estes caprichos da sympathia publica.

Mas não se admirem, porque temos o verdadeiro equivalente, n'este quadro de successos populares, no occorrido em casa do sr. Figueiredo Guimarães. A cidade do Porto já teve a ventura de ter dentro de seus muros este politico celebre, que tem a modestia de se appellar *chefe do partido popular*, e a quem o povo responde a tão heroica prova de dedicação com apòdos e assoadas.

N'um d'estes dias dispunha-se elle a explicar pela millesima vez, o seu programma de felicidade nacional, quando uma saravada de bolinhas de pomada começa a chover sobre o orador. E não ficou só em bolinhas, porque um circumstancia mais alentado no modo de gracejar, fez voar á cara do proposto salvador da patria cerca de meio arratel de banha de porco.

A substancia gordurenta, assim impellida, barrou a face e intupiu a boca ao orador, que todo a escorrer em unto teimava em proseguir na explicação de seu salvatorio, quando horrendos silvos e apupos remataram de todo o discurso.

Aqui temos pois mais uma *gloria politica*, atirada de chofre ao abyssmo das desillusões.

Saltemos, porem, por cima d'estes atoleiros, e escolhamos assumpto mais grato de nossos sentidos.

Em S. Carlos tivemos o *debute* de duas damas novas, uma, a sr.^a Ferruci, verdadeiramente nova e formosa, e a outra, a contralto, só nova para nós!... E oxalá que o continuasse a ser, pois ter-nos-hiamos forrado ao desagradavel prazer da presença de um phenomeno já conhecido: que os dotes artisticos fogem á medida que se accumulam os annos.

E foi logo no *Trovador* que tivemos de assistir a este triste spectaculo; no *Trovador*, uma das operas de Verdi, que tem sido aqui ouvida por melhores cantores!

D'esta vez, as peripecias d'aquelle melodrama sinistro e ensanguentado produziram gargalhadas na platéa. Quando a desditosa Açucena narrava as suas desventuras, fazia-o com taes esgares e tregeitos de mimica hyperbolica que o publico desatava a rir.

A prima dona Ferruci, essa não fez rir, porque é formosa. A formosura é um incontrastavel escudo para defender de todos os ridiculos! E se alguém o duvida, fosse ouvir a bella prima dona n'esta noite, e desenganar-se-hia. Quantas hesitações nos espectadores! Quão estremecimentos, quando as suas notas, gritadas e dissonantes, vinham ferir os ouvidos do publico, como setas! A reprovação ia a rebentar, o terrivel murmurio, agoireiro de pateada, já susurrava ao longe, porem os olhos erguiam-se e viam um rosto bello, um braço escultural, as formas amplas e magestozas de uma verdadeira matrona romana, e os olhos venciam os ouvidos! O senso artistico emudecia diante d'este triumpho da belleza.

Está decidido que, na mulher, a formosura, é a primeira razão para todos os actos da vida. As irmãs Marchisio, que eram feias, mas grandes artistas, levaram um mez primeiro que *vencessem* a platéa de S. Carlos. Chega a dama Ferruci, mostra-se cantora inexperiente e voz sem cultura, e triumpho da rigidez dos nossos *dilettanti*, porque a sua estatura é esbelta e as feições são formosas.

Mas qual das duas cantoras d'essa noite é a melhor?

Nenhuma d'ellas. Ambas são detestaveis. Mas uma é velha, e foi votada á gargalhada, o ultimo desprezo do artista scenico; e a outra é bella, e por isso teve a indulgencia dos austeros e o entusiasmo dos corações juvenis.

Agora vejamos Taborda no theatro da Trindade.

A questão do actor Taborda, no theatro da Trindade, tem sido largamente debatida. Parece que elle não está alli definitivamente escripturado, mas com o fim sómente de ajudar temporariamente a empresa Palha, com o prestigio do seu talento. No entanto, ha quem tenha levado a mal esta mesma resolução.

No intender de muita gente, Taborda é o Gymnasio, e o Gymnasio o Taborda. Separar qualquer d'estas entidades é como arrancar o idolo do seu templo, ou soprar para longe o ambiente em que tanto medrara aquella vocação. Taborda affigura-se áquelles seus admiradores o talento peculiar d'aquelle scena, a alegria, o sainete a figura popular e sempre victoriada d'aquelle palco; e o Gymnasio o tablado, onde se alegrou aquella veia comica, e a platéa que lhe offertou e enflorou os seus melhores triumphos.

E se isto assim é porque foi que, quando um grande cataclismo abalou todos os theatros da capital, Taborda sahe do seu theatro—de seu theatro, repetimos!—e nos apparece no mais moderno de todos os theatros da capital!?

Terá succedido a Taborda o que costuma acontecer aos velhos garridos, que, com os janeiros, lhes dá para gostarem só das bellezas juvenis? Seria a novidade do theatro da Trindade que attrahiu o artista? Aborrecer-lhe-hia o Gymnasio por estar velho e achacado?

Não o acredito, porque suppor tal, seria reconhecer-lhe pouca generosidade de character; e Taborda—di-

zem-nos é um bello character junto a um distincto talento.

Mas não seria a melhor obra desse grande talento, pegar pela mão do Gymnasio, se acaso elle está enfermo e pouco favorecido da sorte, e dizer-lhe estas palavras: —Foste o theatro dos meus primeiros annos. O teu publico foi o publico que me apontou o largo futuro que tenho percorrido. A minha gloria despontou nos seus applausos. Fizeste o artista, o artista deve-te a gratidão. Para os amadores da scena popular, Taborda está consubstanciado no Gymnasio, assim como o Gymnasio significa o Taborda. Pois bem: venham embora perdidas suggestões, accendam-se insidiosas emulações theatraes, que o auctor bemquisto do seu publico, não será o bohemio das scenas do reino, e ficará no seu theatro. Eu, com os attractivos do meu talento comico, encho as plateas e accorrento a fortuna ás empezas; pois vá um quinhão d'estas minhas venturas ao palco que me viu nascer para a arte, paleo onde tambem medraram outros talentos, mas que a mão da morte dispersou para tão longe. Poucos restam já d'esses meus antigos companheiros; mas aqui estou junto com elles. Serei o seu protector, o prestigio d'esta scena, o symbolo d'este theatro.»

Estas são as palavras que eu quizeria ter escutado a Taborda; e que o publico applaudiria de certo, porque a verdade é esta: Taborda deve estar no Gymnasio, ou então no theatro de D. Maria. N'uma parte esta a sua *naturalidade*; n'outra a sua consideração. Tudo o mais é uma deslocação.

Morreu o marechal conde de Santa Maria. Era um character rigido, e um militar valente. Tinha os postos da sua carreira ligados ás mais gloriosas recordações das nossas ultimas campanhas. Pena é que fosse entre filhos da mesma terra que houvessem vicejado muitas palmas desta reputação guerreira. Aos olhos da patria, as guerras civis são sempre fraticidas. Não produzem heroes. Ha só o facto da victoria ou da derrota, que os partidos exaltam, mas que a mãe commum deplora.

O funeral do esforçado militar foi como a importancia da sua patente reclamava. A's honras que lhe competiam, ajuntou o sr. D. Luiz outras, quasi princepsas. As fortalezas estiveram salvando uma parte do dia, com a bandeira a meio páu, e o exercito deitou lucto por tres dias. O proprio irmão de el-rei, o sr. infante D. Augusto, tomou parte no sahimento, logo após o ministerio, em singela carroagem da casa.

O povo é que tomou o funeral só como um facto de espectáculo, porque correu a presencial-o em força de dez ou doze mil pessoas, e quando os batalhões deram as descargas, a caçadores 2, que as deu segundo o rigor da ordenança,solemnizou-as com uma salva de palmas, e a outro corpo, que mostrou a sua impericia, desatou-lhe uma gargalhada estrepitosa!....

Uma gargalhada a uma descarga de funeral, e n'um cemiterio!...

De que espirito aquelle povo ia animado!

Será isto um progresso ou decadencia moral?

Vale a pena ser *artista*, mas não levar o excesso até junto da vala dos finados.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

IZABEL CLESSE

I

A sr.^a Isabel Xavier Clesse, moradora, por 1771, na calçada da Estrella em Lisboa, era casada com o sr. Thomaz Luiz Goilão, piloto dos mares indianos, laboriosissimo sujeito, bom cidadão, marido dos meliores, e bem servido dos bens da fortuna. Tantos predicados, assim mesmo não lhe bastavam a vassallar de todo o coração da esposa, por maneira que além-mar o não salteassem rebates de ciuime. Ciumes, todavia, nem sempre indicam infidelidade. Bem podia acontecer amal-o ella muito e elle zelal-a muitissimo. Este contrasenso do coração humano é vulgar. D'esta vez, porém, as suspeitas do sr. Goilão, dado que não assentes se quer em sombra de prova, procediam d'uma intuspecção mysterosa que em termo cazeiro chamamos «palpite.»

Ora, a sr.^a Isabel era pessoa notada em toda Lisboa por sua estremada belleza, apimentada com certa casquillice que as visinhas honestas confundiam com tendencias ao escandalo. A calçada da Estrella, bem que deslívosa, era, á conta da gentil consorte do piloto, passeada pelos mais guapos cavalleiros da corte, rivaes que se odiavam, sem que alguém podesse rir das frustradas tentativas dos outros. A logrativa dama respondia ao cortejo de um e de todos com urbanas mezuras e sorrisos de complacente delicadeza; logo, porem, que os mais audaciosos lhe atiravam á janella cartinha, ramo de murta ou flor, Isabel carregava de tal gravidade o rosto que Lucrecia, se a vira, não daria tanta importancia á sua inviolabilidade.

Apezar d'isto e da lealdade com que a esposa lhe referia a derrota dos tentadores, o sr. Thomaz Luiz não aquietava os incommodos «palpites» que o tresnoitavam por esses mares de Christo além.

Era o seu anjo custodio que lhe segredava mui vagamente os trabalhos que o demonio lhe andava apparelhando disfarçado na pessoa do sr. Januario Rebello, porta-bandeira do regimento do conde do Prado.

Este Januario tinha graças satanicas e fataes. Se não fosse tão gentil sobejar-lhe-iam dons seductores nos predicados da audacia temperada por um suave condão de prender e commiserar as almas esquivas, sobredourado isto por certa pertinacia e paciencia que não perdia lanço de aproveitar os resultados d'um atrevimento ao mesmo tempo humilde.

Fosse la como fosse, o porta-bandeira levou a melhor dos cortezãos opulentos, deu cartas e recebeu cartas, deu flores e recebeu flores, soffreu muitas desfeitas e indemnizou-se com muitos affectos.

Começou o escandalo

O piloto, ao voltar da Índia, notou mais cariciativa e extrema a mulher. Principiou elle então a ter remorsos das suas affrontas suspeitas e a prometter á sua razão convalescida da febre dos zelos nunca mais escentar as insinuações da saudade e do amor.

Mas ao mesmo tempo, as visinhas, quando elle passava, cochichavam e riam, e os seus amigos, rodeando por longe do assumpto, lastimavam os maridos que viviam na ignorancia do seu opprobrio. Fez-lhe isto mossã e intalação grande. Contou á mulher, sorrindo sem vontade, a chacota das visinhas e os ditos dos amigos. Isabel Clesse esbravejava contra os diffamadores, pedindo a gritos ao esposo que se informasse de seu viver. Isto aplacava-o somente em quanto os costumados moralisadores lhe não disseram mais pelo claro: «Amigo Goilão, tua mulher é rapariga e linda; tu ja orças pelos quarenta, e estás rico. Deixa-te de viagens. Trata de guardar agora a mulher e o dinheiro.»

O homem pedia explicações, fundando-se no direito com que a sua dignidade as pedia aos amigos. Tergiversavam elles, argumentando com varios casos de maridos enganados, e concluíam sempre com o tal: *Amigo Goilão, tua mulher é rapariga e linda, etc., etc.*

Renasceram mais acerbadãs as suspeitas antigas. Tinha ja ataques de furia o piloto, se Isabel lhe contrapunha ás desconfianças um demasiado e imprudente zelo do seu pundonor, aleunhando de devassas as visinhas e de infames calumniadores os amigos do marido.

Entraram a viver mal. Pensava elle em descobrir o segredo, e ella em escapulir-se á colera do marinheiro, quando o segredo fosse descoberto.

Visitou-a, neste apêrto, um infernal pensamento: desfazer-se do marido, apartal-o de si, mediante uma pedra de sepultura. Este alvitre, quer lh'o aconselhasse Januario, quer o demonio, que tudo era um, pesou-lhe tanto na alma perdida que de concebel-o a executa-lo não teve se quer tempo de escolher um modo decente de o matar.

Pois matou-o indecentemente? perguntam as pessoas limpas e espavoridas.

Tentou matal-o por suja maneira, senhores meus, matal-o com uma mezinha ministrada por meio d'uma seringa.

E' onde pode chegar a imaginação depravada! A proposito d'isto exclamava Nicolau Tolentino, contemporaneo do caso:

Que novo invento é este de impiedade!

II

Ora hão de ser de tão delicado espirito os meus leitores que m'o não cream!... Eu vou já invocar o testemunho da historia, e nada menos que o de fr. Claudio da Conceição, collecter de valiosas noticias que enfeixou com o titulo de *Gabinete historico*. Abra o vol. XVII a pag. 30 e leia:

«Por sentença de 28 de março (de 1772) foi condemnada á pena ultima morrendo enforcada na Praça

«da Alegria, no dia 31 do mesmo mez, Isabel Xavier «Clesse, casada em face da egreja com Thomaz Luiz «Goilão, moradores na calçada da Estrella, pelos crimes «que diz a sentença, e são estes: Que abusára da fidelidade conjugal não só no tempo em que seu marido se «achava na viagem da Índia, mas ainda depois de se re- «colher a esta corte..... (*) com um porta-bandeira do «regimento de que era coronel o conde de Prado, cha- «mado Januario Rebello. Que.... intentára tirar a vida «a seu marido na noite de 3 de maio do anno anteceden- «te, em que elle deitando-se na cama com toda a paz e «socego sem se queixar ou conhecer molestia alguma em «seu corpo, a sentiu ao pé de si chamando por elle com «desacordo para que visse o seu estado e o que lançava «da sua mesma boca..... persuadindo-o que tinha sido «um vólvo, e que logo mandasse chamar o cirurgião para «o curar; o qual com effeito chegando, ouvindo todo o «sucesso e duvidando applicar-lhe remedio, ás instancias «da mesma ré, lhe receitára uma innocente mesinha d'a- «gua de malvas, assucar branco e oleo de amendoas do- «ces em fogo, que sendo feita e preparada por ella, e «lançando-lhe uma pequena porção repentinamente lhe «causara um tal estrago com a venenosa qualidade, que «lhe tinha misturado, que chegou aos ultimos instantes «da vida; e que, preparando-lhe outro sim umas unturas «ainda antes de se conhecer o expellido intento, o fizera «com tal arte que das mesmas lhe resultaram varias no- «doas e chagas, como tambem que sendo-lhe applicados «uns leites n'elles lhes lançara veneno de que lhe foram «cachados dois papeis; e que finalmente lhe fugira de sua «casa e levára consigo varias peças d'ouro e prata do seu «uso, e varios trastes e roupas retirando-se para um Re- «colhimento. Mostrou-se que a mezinha fôra d'agua forte, «mandada buscar pelo seu creado João Antonio a uma «botica por duas vezes, a primeira porção 60 reis, dizen- «do que era para curar uns callos, e mandou por uma vi- «sinha buscar á botica de S. Bento seneça para matar «ratos, que foi o que se lhe achou em dois papeis.»

Parece que o marido, logo que refrigerou os intestinos cancerados pela agua-forte, e ganhou pelle nova nas escoriações das unturas, saltou da cama, e como não achasse a mulher nem a baixela d'ouro e prata, gritou. Accudiu-lhe a justiça.

Quem sabe se Isabel, remordida na consciencia, entrou no Recolhimento, disposta a penitenciar-se? A justiça não descontou no crime o intento piedoso nem achou que as taças de ouro e o faqueiro de prata fossem instrumentos de penitencia.

Goilão arrijou. A providencia sahiu-se magnificamente d'esta cura. A agua forte e a seneça cederam aos contra-venenos da divina farmacia. A gente folga de ver que a innocencia tambem é premiada fora dos romances. Raras vezes, na vida commum, se dará, sem influen-

(*) As reticencias substituem as phrases indelicadas. O frade não as omittiu. Os historiadores, pelo commum, em Portugal entendiam que as senhoras não liam historias.

cia do alto, que as visceras d'um sugeito zombem d'um clister de acido nitroso. O Boileau portuguez abunda na minha admiração quando exclama n'este caso:

Se a mulher por seu gosto fosse frade
De S. João de Deus, parca enfermeira,
Com esta vocação de cristeleira
Mataria os irmãos por caridade.

E todavia, o sr. Goilão resistiu, e saboreou-se na vingança de ver escabujar a mulher na forca!

Quer-me parecer que a padecente Isabel movera, ao avizinhar-se do patibulo, não só a piedade, senão a ternura dos poetas. Tirante um ou dois que foliaram na desgraça como Nicolau Tolentino, as musas serias choraram a desditosa, e da mezinha que roeu a barriga de Goilão não disseram nada. A meu parecer, aquelle homem devia de parecer ridiculo aos poetas, sem impedimento da justiça com que pediu e obteve o cordel para o formoso peçoço da consorte.

No proximo numero verá o leitor que plangentes elegias gomeram as harpas dos condoidos trovadores de Lisboa.

(Conclue)

NOTICIA

dos primeiros galopins eleitoraes em Portugal

I

Os primeiros galopins eleitoraes em Portugal foram frades.

No exercicio de eleger geraes, provincias, priores, abbades, diffinidores e mais membros da governança monacal nasceu o galopin tonsurado.

As pugnas mais renhidas e escandalosas passaram-se entre os filhos do patriarcha S. Bento. Aquelle silencioso e solitario mosteiro de Tibaens, em cujos sonoros claustros o leitor já ouviu talvez o reboar de seus passos toando nas abobedas profundas, alli, de tres em tres annos nos seculos XVII e XVIII, rara eleição correu pacifica, na vasta caza capitular. Ora degladiavam-se internamente os frades em dous bandos, ora congregavam-se compactos a rebater as influencias externas da corporação. Em Tibaens se elegiam o geral, os dous abbades e todas as prelasias de cada mosteiro. N'aquelle seminario de ociosos sevados, como vara de cerdos do empyreo, nasceram, medraram e procrearam os galopins eleitoraes.

Em alguns annos, o dia 2 de maio, na casa capitular de Tibaens, era uma bengalé de demonios, um pandemium muito mais sacrilego do que ali, em nossos dias, se vê nos templos, quando succede o cidadão eleitor ser esmurragado, isto é, violentado no seu espirito liberal e no seu nariz, no mesmo passo, ou com o mesmo murro.

Os galopins monasticos de Tibaens davam mais que entender e vigiar aos secretarios de estado, logo que o mosteiro se afortalezava trancando as portarias.

Um d'estes casos, não raros, passou no meudo do seculo XVIII.

D. João V mandou desde Lisboa quatro monges veneraveis, com outros vogaes, assistir no capitulo geral em Tibaens, para impedir disturbios iminentes.

Os mensageiros chegaram á portaria do convento no dia 2 de maio e viram-na fechada. Annunciou-se fr. Pedro da Ascenção ex-geral da ordem. Desceu ao locotorio o procurador geral e intimou os recém-chegados que se retirassem, de ordem do bispo do Porto, presidente do capitulo. Redarguiram os frades abonando-se de mandatarios regios. Não lhes valen.

Os vogaes repulsos representaram ao rei n'estes termos:

«..... Impediram o ingresso dos supplicantes, não só com o frívolo pretexto de inhabeis para votar no capitulo por excommungados, mas com notoria violencia de armas; por que a este fim se achavam intrusos no mosteiro muitos monges revoltosos da mesma religião, varios frades de outras; clerigos e pessoas seculares, como eram um irmão e dois sobrinhos do bispo-presidente, um irmão do mesmo geral (fr. Antão de Faria) que ao todo passavam de dozentas pessoas as que se achavam dentro do mosteiro com armas; e só na vista de fora parecia o dito mosteiro mais praça sitiada e posta em defesa que casa da religião; e da parte de fora no terreiro estavam esparzidas como de escolta mais de cincuenta seculares, e sem embargo de toda essa perspectiva militar e horrosa, se valeram os supplicantes, com toda a religiosa modestia, das soberanas ordens de V. M. e d'outras do R. Nuncio apostolico, cujos transumptos fizeram ler em publico aos renuentes, porém acharam tão descomedidas respostas, que se não repetem por execerandas. N'ellas foi ultrajada V. M.»

«Vendo os supplicantes a publicidade escandalosa de desobediencias tão atrevidas e que as pessoas de fora se iam sublevando contra os supplicantes, se resolveram retirar, disistindo da pertença de ingresso no mosteiro, e protestando as nullidades do capitulo..... e partiram para esta corte a procurar na recta intenção de V. M. o castigo devido a tanta insolencia....» etc.

Assim que os monges prudentemente se retiraram, procedeu á eleição o bispo do Porto D. Thomaz d'Almeida. Fr. Antão de Faria foi reeleito geral da ordem, e os seus parciaes continuaram nos governos dos diversos conventos.

Que interesse advinha ao prelado portuense na reeleição do geral? Que repugnancia fazia ao rei e aos mosteiros do sul que se reelegessem os fiscaes do governo economico e politico da religião benedictina?

Explica-o idoneamente a representação dos mensageiros regios: «Antão de Faria e o bispo queriam perpetuar-se no governo e administração dos bens da ordem, dos quaes se tinham constituido tão absolutos usufructuarios que todos os seus rendimentos consummiam em excesso tal que, passando de setenta mil cruzados o que rendem os bens applicados ao commum da ordem em cada triennio, no passado senão viu que gastassem um tostão em utilidade da ordem.»

Como quer que fosse, a facciosa eleição, apesar de nulla segundo as constituições, vingou. O bispo do Porto, D. Thomaz d'Almeida era galopim de grande tomo. (*) D. João V devorou o insulto, ou o seu secretario lhe não mostrou a representação.

(Continúa.)

NOTICIAS DO PORTO ANTIGO

El-rei D. João 1.^o permittiu aos moradores d'esta cidade que podessem trazer n'ella porcos; mas D. Manoel, em 1513, prohibiu-os e condemnou a 500 reis de multa por cabeça o dono dos porcos encontrados na rua.

§

D. João 1.^o ordenou que os seus criados, vindo ao Porto, não pousassem na rua das Eiras, nem dos Mercadores, nem em casa de homens honrados, nem de mulheres viúvas, nem de casadas com maridos ausentes.

§

Foi sentenciado o dom abbade da Victoria porque tinha pesqueiras na quinta do Bicalho.

§

No anno de 1566 mandaram os vereadores dar ao procurador da cidade em cortes 5§ reis.

§

Ordenou Fillippe 2.^o á camara do Porto, em 1581, que não assistissem á eleição dos procuradores os que tivessem seguido o partido de D. Antonio, Prior do Crato.

§

O sino do relógio estava antigamente na Porta do Olival, e el-rei D. João 1.^o o mandou pôr na Torre da Sé para relógio, e ficou a cidade obrigada a pagar um terço das despesas, o bispo outro terço, e o restante o cabido. Como bispo e cabido não quizessem pagar, alguns annos não tangeu o relógio. Mandou por isso o rei que se pagassem as despesas da disima que o bispo e o cabido tinham na alfândega. Deu-se esta ordem em 10 de setembro de 1417.

(*) D'este usufructuario dos bens dos frades diz Agostinho Rebelo da Costa: «Este eminentissimo prelado, que depois de muitas e respeitaveis dignidades que occupou, foi ultimamente elevado a primeiro patriarcha de Lisboa e cardial, é a brilhante coroa e remate de todos os bispos desta cidade que foram extrahidos do estado sacerdotal. Assim como elles todos foram descendentes das principaes familias do reino e os mais exactos em cumprir com as funções das suas prelazias, assim D. Thomaz d'Almeida exalçou estas excelsas qualidades com as edificantes acções que obrou em vida. *Descripção topographica e historica da cidade do Porto. Cap. III.*

Destoa de *qualidade edificante*, que o biographo lhe assigna, o seguinte periodo da representação ao rei: «O bispo do Porto, a quem como presidente, foi recommendada a quietação do capitulo e admisso de todos os vogaes, a tudo desobedeceu, e so se lembrou do interesse particular que lhe resulta de ter consigo e em sua caza a primeira cabeça de uma parcialidade d'esta ordem por cuja sustentação e regalo concorrem todos os rendimentos applicados ao commun da religião.»

O magnifico cardeal D. Thomaz d'Almeida, feitas as contas, era um aladroado galopim, que levou dos mosteiros do Minho o prego do chapéu cardinalicio.

§

O mosteiro de S. Domingos deu terra para se fazerem casas nas Cangostas com porta para a rua, de que a cidade pedia fôro, por ficarem as portas na rua. Decidiu-se que a camara não levasse fôro nem impedisse as edificações. (*)

§

Uma sr.^a Maria Annes, contratada com a cidade a dar-lhe o sabão necessario, foi notificada para em quatro dias fornecer o sabão preciso ou rescindir o contracto.

§

As primeiras marinhas de Matosinhos concedeu el-rei que as fizesse o alcaide-mor João Rodrigues de Sá.

§

O sino de correr mudou-se da porta do Olival para a torre da Sé em 1583.

§

Como os tanoeiros, fogueando na rua da Ourivezaria e Banhos, prejudicassem os vizinhos e fossem por isso multados, conseguiram que a cidade lhes desse, em 1515, o terreno do Postigo de João Paes que vae para o Muro contra a rua da Ourivezaria, e ficaram foreiros á cidade. Os tanoeiros do Porto foram dispensados em cortes de 1439 de irem a Lisboa trabalhar na louça de Ceuta, allegando que trabalhavam no Porto na mesma louça.

§

Em 1608 foi concedida á cidade a casa em que se batia a moeda para n'ella se vender o pão.

§

Na era de 1397 mandou el-rei fazer uma torre no Bicalho e outra da parte de Gaya para lançar uma cadeia de lado a lado que impedisse a passagem a navios inimigos. Os de Gaya escusaram-se de fazer a torre de sua margem, dizendo que a cadeia não servia de nada, para o que fizessem a experiencia antes de fazer a torre. Não se resolveu nada a tal respeito.

§

A camara dava annualmente 4§ reis a dois trombetas que ensinavam a sua arte.

§

Existia um cidadão mantido pela camara com obrigação de agarrar os vadios e pôl-os a servir.

D. João 3.^o, sabendo que o tal cidadão comia o mantimento sem trabalhar, mandou syndicar da vadiagem d'este terror dos vadios.

§

No anno de 1714, a 11 d'agosto, se tomou assento na Relação do Porto para se mudar a força do sitio chamado *Mija-velhas*, e plantar-se no caes da Ribeira. Em 14 de junho de 1725 se tomou assento ácerca das ruas por onde haviam de transitar os padecentes; redusiram-se as ruas mais breves e direitas á Ribeira.

Em 14 de junho de 1789 um galego matou sua ama, que era de Braga. Foi logo prezo, e no dia 31 do mesmo mez (!) foi inforcado no logar do delicto. Armou-se a força na noite de 30 á boca da rua nova da Neta da parte do Bom-Jardim, e n'ella ficou pregada a cabeça e tambem as mãos do reo. As ruas por onde foi o padecente foram as costumadas até á rua das Flores, Porta de Carros, Bom-Jardim.

C. CASTELLO-BRANCO.

(*) Poderá suppor alguém que n'aquelle tempo se construíam casas com portas para o telhado. Não consta.